

AS TRANSFORMAÇÕES DOS RECURSOS DA LINGUAGEM DO JORNAL NACIONAL

Ulisses Rocha
ulisses@urpfilmes.com.br
<http://lattes.cnpq.br/5670297415151924>

RESUMO

O trabalho reflete sobre as transformações dos recursos da linguagem televisiva no jornal Nacional, tomando como base reportagens exibidas em quatro décadas diferentes: 1986, 1996, 2006 e 2016. As observações são realizadas sobre a linguagem empregada por repórteres e apresentadores e as transformações observadas na estética dos textos nesse período.

Palavras-chave: Telejornalismo. Jornal Nacional. Linguagem televisiva.

Introdução

Há quase três décadas os telejornais brasileiros começaram a passar por transformações em sua forma de apresentar a notícia. O processo se iniciou em 1988, quando o SBT – Sistema Brasileiro de Televisão - introduziu a figura do âncora na apresentação de seu telejornal *TJ Brasil*. As mudanças também foram procedidas pelas demais emissoras e, aos poucos, foram e continuam sendo introduzidos elementos que surgem como novidade discreta, sugerindo um singelo avanço na apresentação dos telejornais, como forma de trazer mais eficiência ao telespectador, sem apresentar grandes rupturas em sua forma tradicional. Elementos que foram surgindo quase que como concessão para agregar valor à informação, aos poucos foram se incorporando nos noticiários e passaram a fazer parte do cotidiano das redações. Os cinegrafistas amadores, nos anos 1990, iniciaram esse movimento. Os telefones celulares com câmeras, nos anos 2000, transformaram cidadãos comuns em cinegrafistas amadores. Outros elementos podem ser observados na mesma direção, como jovens âncoras e repórteres, que se posicionam de maneira opinativa, em suas interferências ao vivo, com maior grau de pessoalidade, interações entre apresentadores e repórteres de forma descontraída e cada vez há mais conversa nos estúdios. Poucos são os telejornais que,

atualmente, conservam características peculiares à emissão noticiosa dos anos de 1970 e 1980.

Ao observarmos a mudança do *Jornal Nacional*, com a troca de apresentadores por jornalistas, ocorrida em março de 1996, é possível constatar que a Rede Globo observara o processo de legitimação da audiência às práticas de coloquialização na emissora concorrente. Tanto no TJ Brasil, com Boris Casoy, quanto com o Aqui Agora, o SBT trouxera um novo formato que agradou o público que, por sua vez, respondeu favoravelmente com o aumento dos números do IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. Com o *TJ Brasil*, o público telespectador passou a assistir a um telejornal em que o âncora emitia as suas opiniões sobre os fatos apresentados nas reportagens que, vez por outra, vinham seguidas do bordão que se popularizou: “isto é uma vergonha”.

Nesse sentido, criou-se uma nova prática no telejornalismo, a saber o coloquialismo, que teve como consequência o estímulo a redefinições nos telejornais das diversas emissoras, essencialmente na Rede Globo de Televisão, com a primeira grande mudança no *Jornal Nacional*, que viria mais adiante.

A partir da década de 1990, diversos fatores, externos e internos, ocorreram e podem ter levado o telespectador a uma percepção diferente daquela que havia, mais precisamente até 1985, com o fim do regime militar. A Constituição de 1988 trouxe novos direitos e garantias individuais, que antes eram comprometidos pela ditadura imposta durante 24 anos ao povo brasileiro. A inflação corroía os salários levando a corridas desenfreadas às compras nos supermercados. A censura a tudo o que era levado ao ar nas emissoras provocava uma espécie de pasteurização nas diversas programações das emissoras. Conseqüentemente, quando esta chegou ao fim, havia um quase sentimento de transgressão, por assistir a algo que antes não era permitido pela Lei.

No entanto, tais anos haviam passado sem que grandes impactos pudessem ser percebidos nas emissões jornalísticas. O politicamente correto predominava as telas e os telejornais. O *Documento Especial*, exibido na Rede Manchete, esporadicamente flertava com os temas de impacto, mas o *Aqui Agora* institucionalizara o bizarro e o diverso na

televisão. Passou-se a ver o que antes não era permitido. Criou-se uma ruptura entre o passado proibido e o novo entusiasmante.

Outros sentimentos de libertação, por assim dizer, foram agregados nos anos 1990. O colapso da União Soviética e o fim da Guerra Fria foram emblemáticos naqueles anos. A democracia se consolidava e o capitalismo ganhou corpo no que foi chamado de Aldeia Global, pelo filósofo canadense Herbert Marshall McLuhan, com o intuito de indicar a influência e a penetração das novas tecnologias na vida dos indivíduos. A popularização do computador pessoal e da Internet foram fatores tão importantes, quanto o surgimento do automóvel e da imprensa. O telefone celular mudou a vida das pessoas.

Com essas inovações, a audiência da televisão brasileira, diante dos telejornais, passou a ter um novo sentido, uma nova compreensão que, sem exagero, permitiu um olhar diferente para o mundo, despertando o indivíduo para uma nova percepção de vida. Assim, o *Jornal Nacional* também teve de mudar.

Cabe ressaltar que, apesar da introdução dos âncoras no *Jornal Nacional*, em 1996, representados por William Bonner e Lilian Witte Fibbe, não havia comentários por parte desses jornalistas, mas tão somente a apresentação da notícia. No entanto, se compararmos com o trabalho realizado pelos locutores-apresentadores Cid Moreira e Sérgio Chapelin, que apenas liam o que se lhes entregavam os editores, e, em particular o primeiro, que praticamente declamava as notícias em seu estilo rígido e imparcial, agora, com os jornalistas e editores, os textos eram escritos ou referendados, no processo interno de redação, por eles, o que muda consideravelmente a percepção de transmissão da notícia.

Tendência popular

As trocas de apresentadores não pararam no *Jornal Nacional*. Elas também ocorreram ao longo do tempo com os demais telejornais. No entanto, em junho de 2011, as alterações ganharam um significado especial, ao denotarem a busca da emissora pela audiência mais popular, representada pela nova classe c:

As trocas anunciadas ontem entre o time de apresentadores do jornalismo da Globo ganharam uma leitura à parte entre os corredores da emissora, no Rio e em São Paulo; a busca pela cobiçada classe C, que tem se identificado pelos produtos da concorrência, numa escala de alerta laranja. Na quinta-feira passada, o Bom Dia Brasil chegou a empatar com o SP no Ar, da Record, em 7 pontos de média de audiência no Ibope de São Paulo, sendo que a Globo abocanhou 32% dos aparelhos ligados no horário (share) e a Record, 31%.

É nesse contexto que o refinado Renato Machado deixa o Bom Dia Brasil, após 15 anos, para ser substituído pelo mineiro bom de prosa Chico Pinheiro. Para o lugar de Chico no SPTV, foi escalado César Tralli, profissional gabaritado e especialmente famoso pelo conteúdo policial. (O Estado de S. Paulo, 21/6/2011).

O fenômeno da nova classe C fez com que mais pessoas comprassem TVs nos últimos anos; mais pessoas passaram a assistir a jornais matinais na TV, mas, mesmo assim, esse novo público não estava sintonizando a Globo. (Primeira hora, publicado em 22/06/2011 às 13:46). Conclui-se que a reação da Rede Globo, ao promover as mudanças dos apresentadores, configura-se em tentativa de aproximar os telejornais a uma parcela importante de audiência, que estava se identificando melhor com a concorrência e, conseqüentemente, migrando para outros canais.

A mudança de cenário em 2015

Em 27 de abril de 2015, o Jornal Nacional estreou um novo cenário e um novo formato para anunciar as notícias do dia. Foi uma novidade anunciada com antecedência e esperada por algumas semanas. Sabia-se que seria uma mudança importante, pois implementaria uma forma até então vista somente nos telejornais da tarde e da manhã, da emissora.

“Para o público, a maior novidade foi a aparição dos âncoras William Bonner e Renata Vasconcellos em pé, fora da bancada. [...] Além de colocar os apresentadores em pé, o novo Jornal Nacional também inaugurou um novo jeito de interação com os correspondentes e repórteres. Por meio de um telão, Bonner e Renata conversaram com os repórteres.” (UOL, 27/04/2015, 21h35)

Aparecer em pé no *Jornal Nacional*, em sua transmissão normal, como recurso a ser utilizado diariamente, representa uma novidade neste telejornal, que durante 36 anos manteve o formato rígido da bancada, mesmo diante da primeira grande mudança, em 1996. A movimentação no cenário mostrou, pela primeira vez, os apresentadores de corpo inteiro, andando em direção ao telão de grandes dimensões. O apresentador se posiciona em frente ao telão e, num enquadramento em plano conjunto, em que ele e o repórter aparecem um de frente para o outro, levando à sensação de que estão conversando no mesmo cenário.

Cabe indagar qual é o objetivo da emissora, ao buscar um enquadramento em que se tem a sensação de que repórter e apresentador são mostrados numa aparente conversa informal, mesmo que tratando de um tema jornalístico específico, durante um telejornal? Estaria a Rede Globo buscando elementos do entretenimento, para transmitir coloquialidade e romper a rigidez da transmissão de notícias? O telejornalismo já há muitos anos se socorre em elementos do entretenimento para ilustrar reportagens, essencialmente as especiais. As simulações de crimes, com o emprego de atores era frequentemente presente, antes do surgimento da computação gráfica, que passou a ocupar esse espaço nas representações. Trilhas sonoras também são elementos do entretenimento, que podem ser observadas, ainda nos dias atuais, em eventuais reportagens especiais, que permitam a sonorização.

Itânia Gomes percebe o embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento, e compreende que o jornalismo também pode ser observado do ponto de vista das formas da percepção:

Se os estudos sobre media e recepção têm, com algum grau de sucesso, reconhecido a importância da dimensão do prazer, da vida privada, da vida cotidiana para a produção de sentido na cultura, os estudos de recepção sobre jornalismo ainda são raros e eles se restringem, na maioria das vezes, à interpretação das mensagens. Nesse sentido, *infotainment* nos convoca a considerar que o prazer, a corporalidade, a fantasia, o afeto, o desejo cooperam para o entendimento de que a relação entre os media e seus consumidores não se restringe a um problema de interpretação de uma mensagem, mas remete também a questões de percepção e sensibilidade e nos convoca igualmente à avaliação empírica das sugestões do pensamento de Walter Benjamin de que as formas comunicativas criam novos modos de ver e compreender o mundo, uma

nova sensibilidade, um novo raciocínio, mais estético, mais visual e sonoro, e que implicam uma nova forma de percepção do mundo, característica da era audiovisual, ainda pouco compreendida. (GOMES, I, 2007)

Ao observarmos o *Jornal Nacional*, que entrou no ar em 1969, e manteve o mesmo estilo até 1996, podemos observar que, durante 27 anos, a emissora manteve-se rígida nas transformações e praticamente só foram notadas as transformações tecnológicas. Nesse período, o *Jornal Nacional* teve como meio de produção a película de 16mm, o U-Matic e o Betacam SP, que eram formatos tecnológicos distintos e que, de um para o outro, pode-se constatar maior agilidade na produção. Mas a apresentação se manteve, com o estilo peremptório dos apresentadores Cid Moreira e Sérgio Chapelin, que representavam, então, a própria identidade do *Jornal Nacional*. Isso consolidou um modelo que traz familiaridade, convoca a memória remota do telespectador e o remete a algo familiar, cujo passado testemunhou.

A introdução dos âncoras no *Jornal Nacional* pode ser considerado um movimento de readequação e linguagem, que fora provocado não por uma análise de demanda futura, mas sim por uma reação ao que estava sendo praticado pela concorrência, mais precisamente o SBT, com as mudanças que havia colocado em prática a partir de 1988. O público telespectador acompanhou tais mudanças e encontrou identificação no modelo que assistia. O modo distante dos apresentadores, colocando-se quase que numa barreira intransponível entre a mensagem transmitida e a recepção desta, de modo categórico e não permeável, passara a ter um gosto palatável de proximidade e semelhança entre repórteres e apresentadores, de um lado, e audiência do outro.

As transformações nos telejornais da Rede Globo, a partir de 1996, mostram o movimento da emissora em busca de manter sua dianteira na audiência, embora esta não fosse mais a mesma de décadas anteriores. A mudança por apresentadores mais próximos do público, com perfil coloquial, sem o distanciamento dos textos rigorosos e imparciais, isentos de reflexões acerca dos fatos, aponta na direção que as transformações já não resistiriam tanto tempo, quanto o observado no período entre 1969 e 1996, com duração de 27 anos sem alteração de formato.

A internet trouxe a proximidade de outras culturas e o acesso a uma variedade de produtos e informações, que tornam o ato de ligar a TV e assistir a um telejornal, quase que um opcional entre tantas propostas imediatas.

Por este e os demais motivos, infere-se que o *Jornal Nacional* busca uma nova qualidade no seu noticioso, de forma a fidelizar o seu público e, ao mesmo tempo, estancar o processo de esvaziamento de sua audiência, provocado pela concorrência, pela internet, tevês a cabo e redes sociais. Claramente, a emissora busca esse adicional por intermédio dos avanços tecnológicos e da coloquialização na emissão da notícia. Os apresentadores conversando, emitindo suas opiniões, mostrando indignação, sorrindo, emocionando-se, pode ressaltar, ao telespectador, o lado humano de cada um deles. Mas cabe questionar se ao permitirem-se improvisações, não haverá o risco de julgamentos emitidos sem a necessária reflexão, e conseqüentemente o avanço no território das inadequações? Este ainda é um caminho novo a ser trilhado pelo *Jornal Nacional* e, assim, uma história que ainda está sendo construída.

As transformações de linguagem em quatro décadas

Para compreendermos esse processo analisaremos momentos específicos sobre a linguagem do *Jornal Nacional*, a partir de 1986, buscando reportagens de destaque por seu impacto jornalístico, tendo em vista ainda residir na lembrança de grande parcela da população. O motivo de efetuarmos recortes em reportagens aleatórias, mesmo que de maior destaque naquele determinado momento, é devido ao conhecido padrão estabelecido pela emissora, *Rede Globo de Televisão*, para a produção de seus noticiosos. Ao observarmos diversas edições, em datas distintas, constatamos a semelhança na formatação de texto e transmissão da notícia.

Acidente com avião da Vasp no Aeroporto Internacional de Guarulhos - exibida em 28/01/1986 – Jornal Nacional

Em 28/1/1986, ocorreu o primeiro acidente no Aeroporto Internacional de Guarulhos. Um Boeing que taxiava para a decolagem, devido à neblina, caiu numa vala,

existente numa das vias laterais de acesso à pista principal. O *Jornal Nacional*, no mesmo dia, registrou o fato. O apresentador daquela edição era Celso Freitas. O profissional, que tem voz grave e empostada, narrou a notícia.

A narração da reportagem é fria. É patente o distanciamento do apresentador do fato reportado. A narrativa é puramente informativa. A entrevista das testemunhas resume-se à descrição do acontecido, sem qualquer traço de surpresa ou indignação com o acontecimento. Uma delas diz: “Porque parece que ele pegou a pista errada. A pista não é uma pista completa. Ela termina num barranco. É uma pista curta, pra um vôo de 737. Então deve ter sido um erro de informação de pista pra ele pegar”. Na reportagem é possível observar características predominantes no jornalismo ao longo das décadas, a saber: imparcialidade, distanciamento e neutralidade.

Segundo Requena (1995, p.48) por meio do apresentador se constrói a imagem de uma figura enunciadora que, a partir de uma neutralidade própria, oferece o acesso ao mundo. (REQUENA apud GUTMANN, 2013, P.131). Barbeiro e Lima consideram que repórteres e apresentadores devem agir como sujeitos isentos que não se confundem com a notícia e nem com um personagem (BARBEIRO & LIMA apud GUTMANN, 2013, p.109).

A produção da reportagem sobre o acidente revela a preocupação em transmitir a informação sobre o ocorrido, de maneira distante, com o intuito de mostrar apenas o relato dos fatos, posicionando-se como mero observador e relator dos acontecimentos. Esse distanciamento, priorizando a mera transmissão da informação, constituindo-se até num dos dogmas do jornalismo, foi uma constante ao longo dos anos nas redações, e assim caracterizando as notícias veiculadas naquele momento, em início de período pós-ditadura, uma vez que esta havia chegado ao fim em janeiro de 1985. Portanto havia transcorrido apenas dez meses de seu fim, e o modelo de telejornalismo vigente, ao que se nos é possível constatar, observando reportagens gravadas daquele período, ainda mantinha sua forma narrativa convencional, predominante no período em que a imprensa fora observada de perto por equipes da Censura Federal.

Notícia veiculada no Jornal Nacional em 1996 – A queda do Fokker 100, da TAM

Em 31 outubro de 1996, um avião Fokker 100, da companhia aérea TAM, caiu após decolar do Aeroporto de Congonhas, na zona sul de São Paulo. A notícia no *Jornal Nacional* foi narrada por William Bonner. Aqui é importante destacar que o *Jornal Nacional* havia iniciado, sete meses antes, o novo formato, com os âncoras na condução do telejornal.

A cobertura jornalística realizada pelo *Jornal Nacional*, naquele 31 de outubro de 1996 revela que houve uma mudança, se comparado com o formato de emissão da notícia havia poucos meses, quando o *JN* era transmitido com a apresentação de Cid Moreira e Sérgio Chapelin. Agora, quem comandava a transmissão era William Bonner. As mudanças saltam aos olhos, já na decupagem do material jornalístico exibido. Na frase utilizada em sobe-som, “Todo mundo prá lá. Pode explodir a qualquer momento”, vemos a dramaticidade presente nas palavras de um dos trabalhadores na operação de resgate. O texto em *off* que se segue, é igualmente carregado pelo tom de perplexidade na narrativa: “Os cinegrafistas percorriam as ruas de um bairro, que parecia ter sido alvo de um bombardeio aéreo”. Considerando-se o caráter meramente informativo, priorizado pelo jornal, em sua forma anterior, constatamos uma inovação importante nos enquadramentos e movimentos de câmera, típicos de quem desconhece as técnicas de filmagem. São as imagens produzidas por cinegrafistas amadores. A decisão de exibir imagens não profissionais flerta com o apelo ao emocional, à valorização do sentimento de tristeza, analogamente referido aos destroços produzidos em ambientes de bombardeios de guerra. É de se intuir que, já naquele momento, os responsáveis pelo jornalismo da emissora, consideravam a necessidade de maior aproximação do telespectador, mesmo que de forma tímida, utilizando-se recursos característicos dos espetáculos, que envolvem a audiência pelo apelo emocional. Marcondes Filho (1989) reflete sobre a característica de espetáculo, presente no telejornalismo, o que pode explicar, na narrativa do acidente, o tom exploratório do sensacional, mesmo que em dose moderada, presente na reportagem:

Assim, os meios de comunicação, principalmente os eletrônicos, ao relatarem uma ocorrência ou um movimento social reivindicatório, um fato, enfim, atribuem-lhe status de espetáculo, de show propagandístico do grande circo de atrações que é vendido ao público como vida social. (MARCONDES FILHO, 1989, p.53)

Notícia veiculada no Jornal Nacional em 2006 – Ataques do PCC em São Paulo

Em junho de 2006, uma série de ataques de uma conhecida facção criminosa, em São Paulo, o PCC, é reportada pelo Jornal Nacional. A reportagem aqui retratada foi exibida em maio de 2006.

Ao analisarmos o texto em *off* do repórter Ernesto Paglia, notamos maior leveza na forma de narrar a notícia, se comparado com os textos elaborados nas décadas de 1980 e 1990. Nota-se a articulação de palavras com o emprego de metáfora: “O medo ficou desenhado na memória de Milena. A cena do pai apavorado, o pulo sobre a grade da escola, o barulho dos tiros na rua, o susto que a fez faltar hoje. Experiências de uma paulistana de seis anos de idade.”

Escrever um texto de reportagem para televisão implica um delicado exercício de atenção e técnica, pois o receptor deve pegar a informação de uma vez, já que não há uma segunda chance, pelo menos nas transmissões de televisão aberta e a cabo de se repetir o videoteipe para compreender melhor o que foi falado. Por isso, Paternostro (1999) destaca a importância da clareza do texto, que deve caminhar junto com a imagem:

No caso do telejornalismo, o efeito sonoro do texto passa a ter real importância, já que estamos trabalhando em um veículo em que o sentido da audição é muito explorado. Muitas vezes, descobrir um sinônimo para a palavra empregada pode dar harmonia à sonoridade da frase sem qualquer prejuízo à informação. (PATERNOSTRO, 1999, p. 67)

A narração do repórter Ernesto Paglia também constitui o diferencial observado em relação àquelas reportagens analisadas anteriormente. Aqui, nota-se a conquista do distanciamento da herança radiofônica, desejado ao longo dos anos pelas emissoras de televisão, essencialmente a *Rede Globo*, com o *Jornal Nacional*. A voz de Paglia é em tom suave, próximo ao intimista. A narração acompanha o padrão dos textos da emissora.

Paternostro (1999) observa que o texto para a televisão precisa ser “Coloquial, claro e preciso. Objetivo, direto. Informativo, simples e pausado”. Nesse

sentido, o repórter faz uso de tais características, para fazer da notícia, de natureza violenta, uma informação que conduza ao caminho da reflexão, reduzindo a possibilidade de resvalar nos caminhos do sensacionalismo. A credibilidade é o maior patrimônio de uma emissora de televisão, assim como qualquer outro veículo de comunicação. Assim vê-se o cuidado ao tratar de um assunto de natureza violenta de maneira sutil e ponderada, no intuito de preservar a sobriedade mantida pelo *JN*, ao longo de sua existência.

A votação do afastamento da presidente Dilma Rousseff – Maio de 2016

Em maio de 2016, a cobertura do afastamento da presidente Dilma Rousseff, da presidência da república, reforçou a característica da busca por uma linguagem mais coloquial, moderna, no *Jornal Nacional*. Tal modernidade já podia ser constatada desde o ano anterior, 2015, quando repórteres e apresentadores foram investidos de uma característica até então inusitada nos telejornais ditos convencionais, essencialmente o *Jornal Nacional*. Os âncoras William Bonner e Renata Vasconcelos passaram a levantar-se da bancada e interagir com repórteres ao vivo, em entradas de link, ou no estúdio, como na previsão do tempo, apresentada por Maria Júlia Coutinho. Os repórteres também ganharam autonomia para criar em seus textos. Nota-se a busca do coloquial, como na reportagem a seguir transcrita:

A apresentadora Renata Vasconcelos lê a cabeça da matéria, como se estivesse contando uma história para uma amiga, ao esboçar um sorriso e reforçar a expressão “milhões de brasileiros, muitos milhões”, transmitindo o sentido de grandeza, com a repetição de palavras. O repórter Philippe Siani apresenta-se na tela, em plano intermediário entre o americano (dos joelhos para cima) e o plano médio (da cintura para cima). A frase de abertura da matéria, com o repórter aparecendo na tela, olhando para a lente, enseja uma conversa pessoal e direta com o telespectador: “Seja qual tenha sido a sua opinião, a respeito do que aconteceu na Câmara dos Deputados, pelo menos em um ponto, eu acho que todo mundo concorda, que esse foi um domingo histórico, acompanhado bem de perto pelos brasileiros. Aqui encontramos elementos descritos por Gurtmann (2014) que descreve que “O corpo do repórter se impõe como um importante expediente de certificação dos relatos noticiosos na TV”.

Gutmann (2014) considera, essencialmente, duas situações distintas, na história da televisão brasileira, em relação à participação dos repórteres. O primeiro deles é o repórter ventríloquo, que se coloca na reportagem como figura neutra, distante dos fatos, limitando-se a apenas reportá-lo como simples sujeito enunciator do fato. O segundo, como característica de uma informalidade cada vez mais presente, o que ela classifica como repórter persona, que se coloca diante da tela como uma espécie de sujeito participante da ação e, ali, valida seu testemunho como um dos presentes ao fato narrado. Essa autenticação buscada por novos repórteres e, conseqüentemente por novos integrantes das redações, ressalta a evidente performatização da notícia, em busca de uma nova forma de interação com quem consome a notícia na televisão.

Para que haja reconhecimento por parte do espectador do telejornal, este é convocado a uma posição de partilha, de adesão tácita ao que vive o repórter no ato de sua enunciação, sendo alçado ao espaço-tempo do acontecimento pela identificação com essa persona, sujeito da ação reportada (GUTMANN, 2014, p.115)

Assim, conclui-se que os fatores externos à emissora, podem ser considerados como estimuladores de mudanças no *Jornal Nacional*. Diante de sua condição hegemônica em audiência, a *Rede Globo de Televisão* não se viu, durante décadas, ameaçada por outro telejornal. Mas a introdução da figura do âncora Boris Casoy, com o *TJ Brasil*, e o jornalístico *Aqui Agora*, ambos no SBT, que provocaram a migração para si, de boa parte da audiência, também foram fatores que levaram o *JN* a iniciar seu processo de modernização de linguagem, numa forma de reagir ao escoamento de seu público.

A significativa perda de audiência do *JN*, ao longo dos anos, têm-se reforçado a partir da conhecida migração de parte da audiência da televisão aberta para canais a cabo, internet e fornecedores de programação *on demand*, como a Netflix. A tentativa da emissora de reagir a esse sangramento de público, que parece lento, mas constante, tem sido observada com a recente concessão, a repórteres e apresentadores, de uma liberdade de performatização da notícia, de maneira mais proeminente. Um processo que se iniciou há duas décadas, mas que promete novos capítulos no futuro.

REFERÊNCIAS

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue. Um estudo do sensacionalismo na imprensa.** São Paulo: Summus, 1995 (Coleção Novas Buscas em Comunicação, vol. 47).

BUCCI, E. **O Peixe Morre Pela Boca.** São Paulo. Editora Página Aberta, 1993.

GOMES, I. **Análise de Telejornalismo.** Salvador. Editora UFBA, 2012.

GUTTMANN, J. F. Entre tecnicidades e ritualidades: formas contemporâneas de performatização da notícia na televisão. Galáxia (São Paulo, Online), n. 28, p. 108-120, dez. 2014.

MARCONDES FILHO, C. O Capital da Notícia. São Paulo. Editora Ática, 1989.

PATERNOSTRO, V.I. **O Texto na TV – Manual de Telejornalismo.** São Paulo: Editora Campus, 1999.

Jornal Nacional - Repercussão da votação do impeachment - Veiculada em 18/04/2016 – Jornal Nacional. Link: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/04/domingo-historico-foi-acompanhado-bem-de-perto-pelos-brasileiros.html> - Acessada em 1/05/2016 às 19h03

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Mudanças no Jornalismo da Globo Apontam Tendência mais Popular.** Disponível em www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br. Documento 176149. Acessado em 20/4/2015

REZENDE, G.J. **Telejornalismo no Brasil.** São Paulo. Summus Editorial, 2000. 289 p.

SQUIRRA, S. Boris Casoy - **O Âncora no Telejornalismo Brasileiro.** São Paulo. Editora Vozes, 1993. 206 p.

STUCKER, A. A construção do real no telejornal Aqui Agora. Dissertação de Mestrado – PPGCOM – ECA- USP. 2008

UOL. William Bonner fica em pé na estreia do novo cenário do "Jornal Nacional. Disponível em <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2015/04/27/william-bonner-fica-em-pe-na-estreia-do-novo-cenario-do-jornal-nacional.htm>. Acessado em 25/10/2015

Acidente da Vasp em no Aeroporto de Guarulhos. Link <https://www.youtube.com/watch?v=R7dKaQPyb5s> (Aos 15'30" do vídeo). Acessado em 21/05/2016 às 15h45

Acidente TAM - Jabaquara - Fokker 100 – <https://www.youtube.com/watch?v=yOEs2aagZ-4> - Acessado em 21/05/2016 às 15h46

Os Ataques do PCC em SP. Link https://www.youtube.com/watch?v=EhdQ1_KkUfw . Acessado em 21/05/2016 às 15h47.

Domingo Histórico – Link <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/04/domingo-historico-foi-acompanhado-bem-de-perto-pelos-brasileiros.html> - Acessado em 21/05/2016

SOBRE O AUTOR:

Ulisses Rocha possui graduação em Comunicação Social pela UniFiam-Faam, MBA em Marketing pelo Instituto Nacional de Pós-Graduação e é mestrando da Universidade Paulista – UNIP, em Comunicação. É professor da UniFiam-Faam, das disciplinas de telejornalismo, documentário e filme publicitário. Atuou como repórter especial e apresentador nas emissoras Rede Record, SBT-Sistema Brasileiro de Televisão, CNT e como repórter nas TV Bandeirantes, Rádio Globo e Rádio CBN.